

O conto "Apocalipse", de Diogo Araújo Vaz: apocalipse divino ou traquinagem humana?

Nancy A. Arakaki

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade
Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: nancy.a.tur@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é tecer considerações a respeito do tão temido “fim do mundo” delineado no conto “Apocalipse”, de Diogo Araújo Vaz, sob uma perspectiva da análise do discurso de linha francesa. Ao entrelaçar os discursos bíblico, científico e histórico, o contista elabora seu discurso literário tendo como pilar a narrativa bíblica sobre a criação do mundo. O cenário no conto é o mesmo cenário bíblico com relação ao comportamento e às ações de Adão e Eva até serem expulsos por Deus do jardim. As consequências advindas dessa desobediência conduzem o homem ao caos: destruição da natureza, doenças, pestes, violência e imoralidade. A habilidade do contista no entrelaçamento de discursos aviva a memória sociocultural e histórica do leitor para compreensão e validação do discurso literário, propondo assim uma reflexão sobre a responsabilidade do homem no que diz respeito ao “fim do mundo”, ao apocalipse.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso literário. Discurso bíblico. Memória discursiva.

INTRODUÇÃO

Sobre o contexto

A antologia de contos em *Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos*, lançada pelas editoras Malê (Rio de Janeiro/Brasil) e Fundza (Beira/Moçambique), no ano de 2019, sob a organização de Vagner Amaro (2019, p. 5), é o resultado

[...] de um convite do jovem escritor Dany Wambire para a produção de um livro que colaborasse com a promoção da literatura moçambicana no Brasil, e, também, promovesse em Moçambique a literatura de alguns dos principais autores da literatura brasileira contemporânea.

Para Amaro (2019, orelha do livro), o contato com o escritor moçambicano deu origem à seguinte questão:

[...] como dois países com conexões culturais tão intensas – fruto do crime do tráfico de negros oriundos da costa índica africana e da colonização portuguesa, que nos legou a Língua que partilhamos – poderiam desconhecer, um do outro, um patrimônio cultural tão importante como a Literatura?

É nesse cenário de intercâmbio cultural que a obra *Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos* foi lançada e proporciona ao Brasil e a Moçambique o estreitamento dos laços de amizade e de (re)conhecimento da cultura, da história e da literatura produzida por uma mesma língua.

Sobre o conto e o escritor

Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos apresenta uma seleção de escritores (moçambicanos e brasileiros) cujos contos contribuem para o conhecimento de temas e de estilos que marcam a diversidade literária contemporânea. Dentre esses, selecionamos o conto “Apocalipse”, de Diogo Araújo Vaz, para uma breve reflexão sobre o tema e o estilo desse jovem escritor moçambicano em cuja ficção entrelaça o discurso da ciência, da Bíblia e da história no campo da literatura contemporânea.

O escritor Diogo Araújo Vaz nasceu em Inhambane, em 1978, e, desde 2005, está radicado na província da Beira. Em 2010, estreou na literatura com *Contos de Guicalango*, quando foi contemplado com os prêmios Minerva Central – 100 anos – e Maria Odete de Jesus. Essa obra o “eleva a categoria de ativista a favor da prudência humana, condenando todo acto desmedido dos seres racionais” (WAMBIRE, 2017).

A denúncia dos vícios das sociedades humanas é desvelada artisticamente pela mente e pelas mãos do escritor em “Apocalipse”. Nesse conto, o autor denuncia a ganância por poder e riqueza, vícios que corrompem a humanidade e fazem o mundo caminhar para um abismo sem precedentes. A temática, portanto, conduz o leitor a refletir sobre as consequências da autodestruição e revela a capacidade do autor de reinventar a história (da desgraça) da humanidade causada pela traquinagem do homem.

É no âmbito de reinventar a história da decadência da humanidade que o escritor chama para o campo da literatura os campos discursivos da ciência, da

Bíblia e da história. É no entrelaçar desses discursos que sobressai no discurso literário a voz da prudência que tanto consagrou o escritor como ativista, bem como conduz o leitor a refletir sobre os atos desmedidos dos homens em prol de seus interesses mesquinhos.

Sobre literatura e discurso literário

A literatura contemporânea tem apresentado um enfoque diferenciado em que se podem reconhecer a história e a cultura de uma sociedade, bem como uma cultura global. Isso ocorre dos dois lados – do Atlântico e do Índico –, e, cada vez mais, o público leitor é convidado a revisitar a história e os costumes culturais globalizantes. Para tanto, a literatura contemporânea traz para junto de seu discurso o discurso de outras ciências, visto que

[...] o discurso literário não é isolado, ele participa de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes, categoria que permite melhor apreender as relações entre literatura e filosofia, literatura e religião, literatura e mito, literatura e ciência (MAINGUENEAU, 2014, p. 60).

Para leitura e reflexão sobre o conto “Apocalipse”, consideramos necessário evidenciar o conceito de “memória discursiva e interdiscurso”, uma vez que a construção do discurso literário passa indubitavelmente por tais processos. Segundo Pêcheux (2015, p. 44), “a memória deve ser entendida não no sentido psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”.

Em síntese, a memória discursiva é o conjunto praticamente infinito de conhecimento que povoa o imaginário social no que se refere a fatos históricos, científicos, religiosos e experiências que constituem um corpo sócio-histórico-cultural. De acordo com Maingueneau (1984), enunciar é se situar sempre em relação a um já dito. Portanto, o conto produz efeitos de inteligibilidade, efeitos de real porque constrói seu discurso literário a partir de discursos já realizados (já ditos).

O discurso literário é compreendido pelo reconhecimento em larga medida do processo parafrástico, segundo o qual “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2005, p. 36).

É nesse entrelaçar discursivo, entre o já dito e o que se quer dizer, que o escritor se movimenta e (re)cria situações em que seres fictícios se movimentam

num mundo criado à imagem e semelhança do mundo real. São os discursos proferidos ao longo do tempo e que povoam a memória coletiva que garantem a inteligibilidade e aceitação do discurso literário.

Transpondo tais conceitos para o campo do conto “Apocalipse”, é com base na imagem coletiva sobre a criação do mundo e do homem sob a perspectiva cultural judaico-cristã e sobre o fim do mundo revelado nas Escrituras que o contista cria sua narrativa. Para garantir a credibilidade literária, o contista se vale dos discursos bíblico, científico e histórico no que tange aos males sociais que vêm assolando a humanidade.

Sobre o conto “Apocalipse”

Ao evocar o termo *apocalipse*, o contista chama a atenção para o “fim do mundo” apregoado pela cultura judaico-cristã. Para falar do trágico fim do mundo e, conseqüentemente, das sociedades que povoam o planeta Terra, é necessário trazer à memória os fatos que provocaram ao longo do tempo o extermínio de homens e de animais.

Nesse sentido, o discurso literário é construído a partir da interação entre os discursos bíblico, histórico e científico. O contista traça momentos cruciais: o início da vida, a evolução, a revolução, a destruição e as enfermidades em que a construção do sentido se dá a partir do conhecimento universal sobre a criação do mundo e de tudo que nele há. De forma específica, no conto “Apocalipse”, o sentido é alcançado por meio do conhecimento judaico-cristão do Gênesis ao Apocalipse. Sendo assim, é necessário reavivar a história sob a perspectiva bíblica.

CRIAÇÃO: CRIADOR E CRIATURA

De acordo com as Escrituras Sagradas, “no princípio Deus criou os céus e a terra” no período de seis dias e, no sétimo dia, Ele descansou. Durante uma semana, Ele (Deus) criou os céus, a Terra, as aves, os seres marítimos e o ser humano (homem e mulher). Adão e Eva foram os primeiros seres humanos criados “à imagem e semelhança de Deus”. A eles foi concedida a administração e o poder de domínio sobre toda a criatura viva na Terra, no céu e no mar, bem como a responsabilidade de multiplicar e povoar a Terra. Disse Deus: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” (Gênesis 1:28).

Os primeiros seres humanos (Adão e Eva) receberam de Deus a liberdade de se movimentar livremente no Jardim do Éden e, especialmente, de dominar sobre a natureza animal e vegetal. No entanto, receberam uma ordem: o dever da obediência.

O Senhor colocou o homem no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo. E o Senhor Deus ordenou ao homem: "Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente morrerá". [...] O homem e a mulher viviam nus, e não sentiam vergonha. (Gênesis 2:15-17, 25).

De acordo com o relato bíblico, surgiu Satanás no corpo da serpente no jardim com o objetivo de provocar a desobediência à ordem divina. A serpente se coloca diante da mulher (Eva) para incitá-la a comer o fruto da árvore proibida: "Disse a serpente à mulher: 'Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal'" (Gênesis 3:4-5).

Tendo Eva comido e dado da fruta a seu marido (Adão), seus olhos se abriram para o bem e o mal, e, conseqüentemente, foram expulsos do Jardim. Mas antes Deus "fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher" porque eles agora se envergonhavam de estarem nus (Gênesis 3:22).

Os tempos vindouros são repletos de sentimentos e de ações contrárias à natureza divina. O bem e o mal passaram a se movimentar entre os homens e seus descendentes provocando o surgimento da inveja, da vingança, da superioridade e, principalmente, de doenças. Nesse movimento do bem e do mal, a humanidade foi (vai) se encaminhando para o final: o apocalipse.

APOCALIPSE

O último livro das Escrituras Sagradas é o Apocalipse escrito pelo apóstolo João. Esse livro contém as revelações sobre o futuro da humanidade quando Jesus voltará à Terra. Entretanto, antes desse final, o homem padecerá dos males provocados por ele mesmo no que se refere à destruição da natureza, à ganância desenfreada sobre as riquezas naturais, ao extermínio de seus semelhantes por meio de guerras e ao padecimento por enfermidades e pestes.

O livro de Apocalipse é um tanto complexo, e sua interpretação provoca visões diferenciadas principalmente no que se refere à segunda vinda do Salvador, Jesus Cristo. Não entraremos em discussão sobre o conteúdo desse livro das

Escrituras porque não é o objetivo deste artigo. Essa complexidade bíblica é reconhecida no conto “Apocalipse” habilmente delineada pelo contista:

E porque o mundo ainda não morrera completamente, então o propalado fim do mundo se esperava com uma impaciência doentia. Por isso, porque também o Homem ainda era sobrevivente, para legitimar os seus actos vis e repugnantes, denominara o momento infernal que se vivia de apocalipse divino (VAZ, 2019, p. 39).

A construção do sentido no conto “Apocalipse” revela o conhecimento do autor sobre o conteúdo das Escrituras Sagradas e o conhecimento dos problemas que afligem o homem contemporâneo. Além disso, conduz o leitor à reflexão de que os males sociais e naturais são consequências das próprias ações mesquinhas da humanidade.

SOBRE O CONTO “APOCALIPSE”

O contista traz o discurso bíblico para o campo literário a fim de iniciar a narrativa: “no sexto dia, Deus acabara de labutar e ornamentar o mundo, então descansou no sétimo dia feliz da vida” (VAZ, 2019, p. 31). Afinal, ficou completa com sucesso a obra de criação dos céus da terra, “E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” (Gênesis 1:31).

Um primeiro ponto a ser marcado na percepção dos discursos bíblico e literário é a presença de um narrador em terceira pessoa que denota conhecimento dos fatos e garante a credibilidade dos acontecimentos. Assim como no texto bíblico, a narrativa de “Apocalipse” retrata um ambiente saudável e próspero permeado pelos termos “feliz; vivacidade; ar puro; alegre...” que remontam ao princípio do mundo em que o homem convivia pacificamente com os animais: “Os anfíbios regozijavam-se com a sua condição binária e contemplavam o Adão e a Eva, que não se perturbavam com o nudismo e agraciavam-se com os narcisos, margaridas e outras flores [...]” (VAZ, 2019, p. 32).

Mas a paz e a cumplicidade que existiam entre homens e animais foram interrompidas pela presunção de Adão e Eva que “achavam que seu criador se equivocara ao fazê-los pelados, diferentemente de outras espécies, que na sua maioria nasceram com próprios agasalhos” (VAZ, 2019, p. 32). Nesse momento, surgem a inveja e a soberba, que irão pouco a pouco deteriorar a criação bela e perfeita do Jardim do Éden.

O discurso literário praticamente se funde no discurso bíblico sobre a criação do mundo e a movimentação dos primeiros habitantes do Jardim do Éden, o que equivale a dizer que a construção do conto requer trazer à memória a narrativa

bíblica. É a memória discursiva que torna possível ao contista e ao leitor se situar em relação a um já dito inscrito na história.

A entrada do mal no mundo, segundo o relato bíblico, ocorreu quando da desobediência de Adão e Eva, tendo como consequência o desnudamento intelectual e físico de ambos, pois se perceberam nus. No conto, o distanciamento entre animais e homem ocorreu pelo sentimento da inveja de Adão e Eva em relação às vestimentas (pelos) dos animais. Adão e Eva “agora se vingavam dos felizardos agasalhados, chacinando-os para lhes retirar as peles para o seu agasalho” (VAZ, 2019, p. 32).

O contista denuncia o exercício de poder do mais forte sobre os mais fracos que reflete e permite a identificação com a sociedade que (sobre)vive sob o jugo desigual.

Ao se aperceberem das barbaridades daquelas duas criaturas a que chamavam Homem, então os animais entraram em alarido e começaram a partir para a defensiva, se afastando o máximo que podiam daqueles seres, para se verem poupados das barbaridades de todo o tipo de natureza provocadas pelo Homem (VAZ, 2019, p. 32).

A essa altura, o homem não demonstrava apenas o sentimento de inveja, mas cometia barbaridades que o distanciava dos animais que outrora “eram cúmplices, amigos, e viviam solidariamente uns com os outros” (VAZ, 2019, p. 32).

É o discurso científico que permite luz à compreensão e aceitação desse fato porque produz a imagem de algo popularmente conhecido, o já dito: os animais só atacam quando se sentem ameaçados.

Semelhantemente ao discurso bíblico, o contista, logo no início, já atribui os males da humanidade àqueles que detinham o poder de cuidar da natureza e de preservá-la (humana, animal e vegetal):

Por essa razão, com o passar do tempo, o Homem foi educando os seus descendentes como seres superiores em relação a outras espécies. [...] por isso, foram fabricadas lanças e zagaiais em número suficiente para atacar impiedosamente todos os tipos de animais para alimentar seus caprichos, pois se a carne não fosse boa o suficiente para a sua dieta, então seriam retirados os dentes, os ossos, os chifres, as garras ou as peles para servirem de ornamentos ou brinquedos (VAZ, 2019, p. 32-33).

O domínio do homem sobre os animais não ocorreu para suprir suas necessidades vitais, mas sim para alimentar sua vaidade e poderio; contudo, “com o andar do tempo, o Homem ficara ciente da sua fraqueza física em relação a

muitas espécies de animais. Por isso, entendera que, para o seu fortalecimento, deveria se curar de órgãos daqueles animais” (VAZ, 2019, p. 33).

Conta a história que muitos povos se alimentavam dos órgãos humanos a fim de apossarem-se da força do outro, principalmente, quando um povo capturava um forte guerreiro da tribo inimiga:

Ao prisioneiro, competia manter-se altivo e valente, retrucando as provocações e insultos numa demonstração de total indiferença ante o fim próximo. O executor ganhava, então, direito ao uso de mais um nome, e seu corpo era incisado de modo indelével, para que se perpetuassem a sua coragem e o seu valor. Dessa forma, acreditavam que, ao comer a carne de um inimigo guerreiro, iriam assim adquirir o seu poder, seus conhecimentos e as suas qualidades (STADEN, 1941, 1988 *apud* ANTROPOFAGIA).

Entrelaçando assim os já ditos, o contista prossegue a narrativa relatando “o holocausto do Éden, que provocou a revolta de muitas espécies” e a ação defensiva do homem ao “domesticar os mais plácidos e inventar o fogo para se defender” (VAZ, 2019, p. 33). Não satisfeito de colocar sob domínio os animais considerados inferiores a si, “o Homem foi enchendo a lista de suas ambições e agora começar a obcecar-se com a riqueza” (VAZ, 2019, p. 33)

Preocupados com acumular riquezas, o homem criou diferentes classes sociais no seio das próprias comunidades e iniciou uma boa e grande competição que foi se estendendo e dividindo os povos. Nesse contexto, permitiu a eclosão de povos ricos e de povos pobres com subseqüentes domínio e exploração do mais forte sobre o mais fraco.

Por isso, para almejar os seus intentos, foram fabricados machados [...] para derrubar ainda mais quantas árvores fossem possíveis para alimentar sua ganância [...] então a atmosfera ficou desprovida de elementos para a produção de chuva. [...] e assim, foram se criando tribos e etnias de diferentes naturezas, conforme a natureza do ambiente no qual cada tribo ou etnia se decidira fixar, o que levou às diferenças raciais (VAZ, 2019, p. 34).

O desmatamento florestal é tema constante nas discussões de líderes mundiais, pois compromete a vida no planeta e afeta não só a geração contemporânea, mas também as gerações futuras. Essa prática causa danos irreversíveis às populações que habitam a área devastada e compromete a biodiversidade. Enfim, não só a população local é afetada, mas também a população mundial. Considera-se que há entre as nações importação e exportação de bens de consumo necessários à sobrevivência de homens e animais, principalmente no quesito

alimento e vestuário (DESMATAMENTO: IMPACTOS, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS, 2022).

Se o jardim já era pequeno para abrigar o homem e os animais em convivência pacífica, agora com todos os avanços e o acúmulo de riquezas e a ambição desenfreada e a consequência do “crescei e multiplicai-vos e povoai a terra”, ou seja, com

[...] o êxodo cosmopolitano, o mundo ficou ainda mais pequeno à medida que o Homem se dispersava, e desde logo, cada tribo queira expandir mais os seus territórios. Por isso foram derrubadas muitas árvores ainda, para produção naval, que fosse facilitar a expansão do Homem via marítima (VAZ, 2019, p. 34).

Nesse ponto da narrativa, o contista insere o desbravamento dos mares que provocou a dominação e exploração nos continentes. É possível reconhecer aqui a época das grandes navegações que permitiram a Portugal desbravar os mares e tomar para si territórios americano e africano.

A história registra a chegada de Vasco da Gama à ilha de Moçambique em 1498 e de Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500. O Brasil ficou sob o domínio português até o século XIX, e as colônias ultramarinas portuguesas em África dominaram até meados do século XX. O período de dominação e exploração portuguesa em África deixou marcas profundas na população autóctone cujas feridas e cicatrizes ainda estão sensíveis.

É no âmbito desse conhecimento histórico que a formulação narrativa é possível, pois todo “dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (ORLANDI, 2019, p. 33). E é desse jogo discursivo que o contista vai tecendo seu discurso, pois o saber foi se construindo ao longo do tempo, ao longo da história do homem na Terra. É o entrelaçamento dos diferentes discursos socioculturais e científicos que permite a historicidade fundamental para determinar as condições de produção literária.

[...] a relação da historicidade (do discurso) e a história (tal como se dá no mundo), é o interdiscurso que especifica; as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória (ORLANDI, 2005, p. 33)

Esse cenário historicista é visivelmente reconhecido na narrativa na medida em que entrelaça discurso das áreas da história, da ciência e das Escrituras Sagradas, como demonstra este trecho do conto:

E, porque não soubessem os exploradores do feitio da hospitalidade dos habitantes das terras que almejavam, se era hostil ou dócil, para a autodefesa, fabricaram armas de diferentes naturezas, que também serviriam para a conquista de terras, caso se mostrasse necessário. Por isso, começaram a surgir no dicionário do Homem, palavras como potências e colônias. [...] E os que se revelassem mais fracos eram domados e forçados à labuta nos campos de plantações e minérios, outros nas construções de edifícios, rodovias e ferrovias (VAZ, 2019, p. 34).

Se há algo que o moçambicano conhece bem é a história do povo de seu país, principalmente quando esteve sob o domínio português. Por um longo período de tempo, de séculos, os moçambicanos foram explorados e dominados na própria terra, pois foram obrigados a plantar e a cultivar matéria-prima para Portugal, como o plantio de algodão. Destaca-se, nesse período histórico, a ida de moçambicanos para a África do Sul para servir de mão de obra nas minas e na construção de estradas.

Esse entrelaçamento discursivo entre história, ciência e Escrituras Sagradas continua a alimentar a discussão no conto que culmina no aparecimento das indústrias “que tinham a particularidade de despertar o consumismo [...]”, cuja consequência advinda da ambição e ganância do Homem acabou

[...] por abrir enormes fendas sobre as entranhas de uma camada a que chamaram de ozono. E o sol, esperto e malandro, não desperdiçara a oportunidade para exibir a sua potestade sobre a terra, emitindo vorazmente e impiedosamente os seus raios sufocantes e intensos. E o Homem agora chorava, choramingava e gritava de aquecimento global. [...] e os menos expostos agora falavam de degelo (VAZ, 2019, p. 35).

Estão aí registrados os problemas cruciais que a humanidade enfrenta, principalmente, neste século XXI: o desmatamento, a queimada de florestas, o extermínio de espécies animais, o aquecimento global, as guerras, enfim, tudo o que resultou da ganância e da ambição desenfreada, pois “enquanto o tempo corria, o Homem cometia carnificina contra si próprio, em nome de poder e riqueza” (VAZ, 2019, p. 36). Assim, a natureza não permaneceu inerte mediante as ações desenfreadas e ambiciosas dos homens, pois “os oceanos e mares juntaram esforços para lançarem torrentes de água sobre a terra, que desde sempre fora a guardiã daquele ser, em retaliação às ações humanas” (VAZ, 2019, p. 36).

A esses “fenômenos” o homem chamou *maremoto* e *tsunami* por cuja nomeação satisfazia o seu ego de conhecedor dos fatos. A terra também não deixou de mostrar as consequências nefastas do homem dominador, conquistador e soberbo:

E a terra, para não ficar alheia aos problemas dos mares e oceanos e revoltada das barbaridades que sofrera, também quisera vingar-se das feridas infringidas pelo Homem nas suas entranhas, pela retirada desenfreada do ouro, de cobre, de ferro, de carvão, de gás natural, de petróleo, de diamantes [...] (VAZ, 2019, p. 36).

O mesmo cenário de vingança dos oceanos, dos mares e da terra é encontrado nas Escrituras:

[...] sabemos que toda a natureza criada geme até agora, como em dores de parto [...]. A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados. [...] A própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra [...] (Romanos 8:19-22).

O discurso bíblico revela a decadência do homem e a esperança de ser salvo pelo próprio Criador (Deus), o que aponta para a esperança de remissão do caos, o que ocorrerá após o fim, ou seja, o apocalipse.

Mas ainda não é o fim. As doenças e as pestes enfermaram a biodiversidade, incluindo o próprio homem, que “agora falava de cancros, de vírus, de viroses, de gripes, de tuberculoses e de muito mais doenças [...] que agora levava uma vida faustosa, desregrada e perigosamente descuidada em relação à sua própria natureza” (VAZ, 2019, p. 37). O contista continua a narrativa fazendo menção a práticas contrárias à natureza humana, como a pedofilia, o coito entre homem e animal, a xenofobia, a diplomacia, porque

[...] o Homem começou a evoluir socialmente e julgou prudente parar com a escravatura de um ser igual. Por isso foi decretada a abolição da escravatura de seres semelhantes. E foram criadas leis para penalizar os pedófilos. Algumas potências prometeram reduzir a poluição atmosférica (VAZ, 2019, p. 37).

Ainda que o homem tenha tomado consciência de seus atos insanos e tentado reparar os estragos que cometera, nem as doenças e nem as pestes paravam de surgir. E como não há retorno ao produto natural que foi destruído, “o Homem contava cada segundo para o fim do mundo” (VAZ, 2019, p. 37).

Nesse cenário de expectativa assustadora do fim do mundo, mas ainda com *incursões* egocêntricas e devastadoras de práticas de raptos, violência de toda natureza contra seus iguais, de apropriação de terras alheias, de pirataria, de crimes cibernéticos, de religiões assassinas (VAZ, 2019, p. 39), o homem sobrevive nas suas traquinagens.

Todo esse movimento do homem e da natureza modificada, atacada e praticamente destruída é narrado com pano de fundo do discurso bíblico em que o contista sustenta com a narrativa da Criação e o fim do mundo tão temido. As Escrituras registram e descrevem no livro do evangelista Mateus o sinal do fim dos tempos:

Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerra, mas não tenha medo [...]. ainda não é o fim. Nação se levantará contra nação [...]. Haverá fomes e terremotos [...]. Tudo isso será o início das dores. [...] Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora. [...] "Quanto ao dia e à hora, ninguém sabe" (Mateus 24:6-8, 21, 36).

Assim também o conto antecede o fim dos tempos:

Entretanto, enquanto o mundo não decidisse morrer, o Homem, traquino que era, continuava (VAZ, 2019, p. 39).

O contista constrói habilmente uma rica reflexão sobre a responsabilidade do homem na destruição da natureza. Todavia, esse mesmo homem ainda procura atribuir ao Criador a responsabilidade do apocalipse insistindo no agir traquino.

PARA FINALIZAR

O conto "Apocalipse" de Diogo Araújo Vaz nos permite elaborar uma leitura crítica e reflexiva sobre a construção do discurso literário entrelaçado pelos discursos científico, bíblico e histórico sob o que se denomina em análise do discurso de interdiscursividade. Isso ocorre porque, como demonstrado, todo discurso é realizado a partir de outro discurso, ou seja, o já dito.

Para além dessa dinâmica construtiva, é possível verificar o papel da "memória discursiva" do autor quando traz a história bíblica (criação do mundo e do homem) e a história sociocultural e científica para discutir o caos terreno no presente. Com habilidade literária, o contista elabora um alerta ao dizer que, enquanto o mundo não morre, o homem continua *traquino com suas incursões egocêntricas e devastadoras*.

Desse modo, o contista se manifesta, no seu discurso literário, um ativista em prol da vida na Terra.

The "Apocalypse" tale, by Diogo Araújo Vaz: is it from God or a mischief made by men?

ABSTRACT

This article aims to address the terrifying "end of the world" outlined in the "Apocalypse" tale, by Diogo Araújo Vaz, under the perspective of the French discourse analysis. By connecting the biblical, scientific and historic discourses, the short story writer develops his literary discourse based on the Bible's narrative on the world's creation. The tale's scenario is the same as the biblical with respect to Adam and Eva's behaviors and attitudes until God banished them from Eden. The consequences of this disobedience lead men to chaos: nature devastation, diseases, plagues, violence and immorality. The writer's skill to connect such discourses awakens the reader's sociocultural and historic memories so that he/she can comprehend and validate the literary discourse, and it also encourages reflection on the man's responsibility with regards to "the end of the world", the apocalypse.

KEYWORDS

Literary discourse. Literary biblical. Discursive memory.

REFERÊNCIAS

- AMARO, V. *Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos*. Rio de Janeiro: Malê; Beira, Fundza, 2019.
- ANTROPOFAGIA. *Wikipedia*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antropofagia>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- DESMATAMENTO: impactos, causas e consequências. *eCycle*. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/desmatamento/>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Liège: Mardaga, 1984.
- MAINGUENEAU, D. O discurso literário como discurso constituinte. In: MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Tradução Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.). *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- STADEN, H. *Zwei reisen nach brasilien: abenteuerliche erlebnisse unter den menschenfressern*. São Paulo: Hans Staden-Gesellschaft, 1941-1942.
- STADEN, H. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988.

VAZ, D. A. Apocalipse. In: AMARO, V. *Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos*. Rio de Janeiro: Malê; Beira, Fundza, 2019.

WAMBIRE, D. Diogo Vaz: activista da prudência humana. Editorial Fundza, 21 jun. 2017. Disponível em: <https://www.fundza.co.mz/index.php/blog/93-imprensa/95-diogo-vaz-activista-da-prudencia-humana>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Recebido em: agosto de 2022 **Aprovado em:** setembro 2022